

Conluio para o adiamento das eleições intercalares

VEM AQUI DESTE LADO,
TONINHO — VAIS APANHAR
UM PUXÃO D'ORELHA...

Fundação Cuidar o Futuro



Perante as informações recebidas das Federações Distritais, no que respeita a resultados nas próximas Intercalares, cúpulas do Partido Socialista encaram a hipótese de pedirem publicamente a demissão do Chefe do Estado.

Esta tomada de posição teria o aval de determinado sector do Conselho da Revolução — o mesmo que se aliou tacitamente ao PS, quando da nomeação do Governo de Maria de Lurdes Pintasilgo. Aliás, foi mesmo explicado a alguns dirigentes do PS, mais descrentes em tal explicação, que a iniciativa teria partido do próprio Conselho de Revolução, e que Mário Soares estaria, em princípio, renitente à ideia de pedir publicamente a demissão do general Ramalho Eanes, por achar tal decisão "pouco democrática".

No entanto, a hipótese ganha volume e a sua oportunidade dependerá também dos resultados, a nível de popularidade presidencial, da viagem que Ramalho Eanes faz neste momento a França.

Se Mário Soares se dispuser a pedir publicamente a demissão do Presidente da República e Ramalho Eanes renunciar ao cargo para se recandidatar, as Intercalares marcadas para 2 de Dezembro terão de ser adiadas e, até às eleições presidenciais, o País será gerido pelo actual governo de Maria de Lurdes Pintasilgo e pelo Conselho de Revolução.

No entanto, há no Partido Socialista quem não advoque esta estratégia, argumentando que o PS vai ter nestas eleições Intercalares hipóteses que nunca mais voltará a ter, pois tem a trabalhar a seu favor toda a máquina administrativa e de propaganda (TV, Rádio, jornais estatizados) orquestrada pelo governo de Maria de Lurdes Pintasilgo.

Esta uma das razões que explicam o facto de Sousa Franco ainda não se ter demitido do governo para aderir

(continua na pág. 5)



Conluio para o adiamento das eleições intercalares

(continuação da pág. 1)

publicamente ao Partido Socialista — como estava previsto.

Mas, por outro lado, a solução apontada de se forçar o adiamento das Intercalares, com a demissão do Chefe do Estado, evitaria para já a derrota que se avizinha para a chamada "maioria de esquerda", face ao crescendo da Aliança Democrática, patente nas mais recentes sondagens, mesmo nas que o PS encomendou para o seu uso interno, a uma empresa da especialidade.

Aliás, é significativo o pessimismo que Mário Soares já não escondeu nas suas últimas reuniões com dirigentes e militantes socialistas.

Entretanto, Ramalho Eanes, ao colaborar em tal esquema de acção, ganharia em troca o apoio do PS e dos seus mais novos aderentes (certa ala dos ASDIs, por exemplo) e já não teria de enfrentar nas eleições presidenciais a concorrência de um Mário Soares, que se julga na "reserva da República" e que, já por várias vezes, mostrou a sua intenção de se candidatar a Belém.

Dá que a renitência de Soares à ideia de pedir publicamente a demissão do Presidente da República esteja também na sua certeza de que — perante um pacto que envolveria o governo Pintasilgo, o Conselho da Revolução, o PS e Ramalho Eanes — perderia, de vez, a sua oportunidade de ser Chefe do Estado, pois que a evolução da sociedade portuguesa e da vontade do eleitor é, cada vez mais, contra o socialismo. E Mário Soares sabe-o bem. Sacrificar o partido ou salvar o cidadão Soares — eis a alternativa para o líder do PS.

Mas, é claro, que o PS quando age não o faz sozinho. E lá temos Álvaro Cunhal, no seu comício de sábado passado, a fazer profecias, como nas vésperas do 28 de Setembro ou do 11 de Março, falando "de uma grande manobra de desestabilização visando prejudicar ou impedir as eleições e levar a cabo um verdadeiro golpe de Estado".

Ei-lo a dar a tónica, a fazer ameaças. Só que já não estamos em 1975, e a exploração gorada do recente caso de Montemor deve tê-lo acordado. Ou será que ainda não?

